

## **Acumulação do capital e imperialismo: o debate entre Ellen Wood e David Harvey<sup>1</sup>**

Gabriel Lecznieski Kanaan<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho é um estudo comparativo entre as teses de “O império do capital” (Ellen Meiksins Wood, 2003) e de “O novo imperialismo” (David Harvey, 2003). Se para Wood o império do capital tem sua base, em decorrência da característica separação do "econômico" e do "político" intrínseca ao capital, na mobilização da coerção econômica (ao contrário de todos outros impérios que existiram na história, que se basearam na força extraeconômica), para Harvey a chave para a compreensão do novo imperialismo é a distinção entre duas formas de acumulação capitalista: “por reprodução expandida” (apropriação de mais-valor através da exploração do trabalho assalariado) e “por espoliação” (expropriação direta de riquezas). A questão fundamental deste debate é a forma como se compreende a relação dialética entre aquilo que Rosa Luxemburgo chamou de "o duplo aspecto da acumulação do capital" ou, nas palavras de Leonardo Leite, "a essência e a aparência do imperialismo capitalista". Se para Harvey a espoliação é a marca do novo imperialismo desde a década de 1970, quando a produção capitalista (reprodução expandida) adentrou em uma crise de sobreacumulação e o "roubo direto" (espoliação) substituiu a apropriação de mais-valor através da exploração do trabalho assalariado como a principal forma de acumulação capitalista, para Wood as guerras, os golpes militares e as expropriações (imperativos extra-econômicos) no império do capital não operam na apropriação direta de riquezas, mas na manutenção dos mecanismos econômicos do mercado mundial capitalista que possibilitam a apropriação puramente econômica do mais-valor produzido nos países periféricos (imperativos econômicos).

**Palavras-chave:** capital-imperialismo; imperativos econômicos; expropriações; acumulação por reprodução expandida; acumulação por espoliação.

### **Capital accumulation and imperialism: the debate between Ellen Wood and David Harvey**

**Abstract:** This work is a comparative study between the theses of "Empire of Capital" (Ellen Meiksins Wood, 2003) and "The New Imperialism" (David Harvey, 2003). If for Wood the empire of capital has its base, as a result of the characteristic separation of the "economic" and the "political" intrinsic to capital, in the mobilization of economic coercion (unlike all other empires that existed in history, that has its base on extra-economic force), for Harvey the key to understanding the new imperialism is the

---

<sup>1</sup>Este artigo é um resumo do capítulo 1 ("Imperialismo e acumulação do capital") do Trabalho de Conclusão de Curso ("O império do capital e 'O novo imperialismo': as contribuições de Ellen Meiksins Wood e David Harvey para o estudo do imperialismo no século XXI") que apresentei em 2016 no curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina. No capítulo 2 do TCC debati as teses de Wood e Harvey acerca da relação entre Estado e capital no imperialismo capitalista, tema que não coube neste artigo.

<https://minhateca.com.br/glkanaan/O+Imperio+do+Capital+e+O+Novo+Imperialismo+-+as+contribuicoes+de+Ellen+Wood+e+David+Harvey+para+o+estudo+do+imperialismo+no+seculo+21,+956141113.pdf>

<sup>2</sup>Mestrando em História na Universidade Federal de Santa Catarina, bolsista do CNPQ.

distinction between two forms of capitalist accumulation: "by expanded reproduction" (appropriation of surplus-value through the exploitation of wage labor) and "by dispossession" (direct expropriation of wealth). The fundamental question of this debate is how one understands the dialectical relationship between what Rosa Luxemburg called "the double aspect of capital accumulation" or, in the words of Leonardo Leite, "the essence and the appearance of capitalist imperialism". If for Harvey the dispossession is the mark of the new imperialism since the 1970s, when capitalist production (expanded reproduction) has entered into a crisis of overaccumulation and "direct theft" (dispossession) has replaced the appropriation of surplus-value through exploitation of wage labor as the principal form of capitalist accumulation, for Wood, wars, military coups and expropriations (extra-economic imperatives) in the empire of capital do not operate in the direct appropriation of wealth, but in the maintenance of the economic mechanisms of the capitalist world market which allow the purely economic appropriation of the surplus-value produced in peripheral countries (economic imperatives).

**Keywords:** capitalist imperialism; economic imperatives; expropriations; accumulation by expanded reproduction; accumulation by dispossession.

## INTRODUÇÃO

Kabul, 7 de outubro de 2001: explodem nas ruas da capital do Afeganistão as primeiras bombas da guerra "contra os terror". O sangue derramado pelo genocídio do povo árabe perpetrado pelo imperialismo estadunidense<sup>3</sup> se mistura nas mãos dos ianques com o suor e sangue dos operários chineses da FoxConn (terceirizada por empresas como a Apple para montar *iphones*) que preferiram o suicídio a subsistir nas condições de trabalho da fábrica<sup>4</sup>. A guerra e a exploração do trabalho pelo capital andam de mãos dadas na estrada da acumulação do capital: a guerra abre caminho à exploração, a exploração impulsiona a guerra. Com o objetivo de aprofundar nossa compreensão acerca do imperialismo no século XXI, nesse artigo analisamos a relação dialética que existe entre estes dois fenômenos, aquilo que Rosa Luxemburgo chamou de "duplo aspecto do capital" (por um lado, "o lugar em que é produzida a mais-valia – a fábrica, a mina, a propriedade agrícola" – e por outro, "a exibição aberta da força, fraude, opressão e pilhagem, sem nenhum esforço para ocultá-las"<sup>5</sup>) ou o que Leonardo Leite caracterizou como a aparência e a essência do imperialismo (por um lado, "a

---

<sup>3</sup>Segundo o relatório da organização *Physicians for Social Responsibility* (PSR), mais de 1 milhão de pessoas foram mortas pelo exército estadunidense no Iraque de 2003 a 2010. PSR. **Body count:** casualty figures after 10 years of the "War on Terror". Washington, Berlim, Ottawa: publicação digital, 2015. [https://www.ipnw.de/commonFiles/pdfs/Frieden/Body\\_Count\\_first\\_international\\_edition\\_2015\\_final.pdf](https://www.ipnw.de/commonFiles/pdfs/Frieden/Body_Count_first_international_edition_2015_final.pdf).

<sup>4</sup>CHAN, Jenny e NGAI, Pun. **Suicide as protest for the new generation of Chinese migrant workers:** Foxconn, global capital, and the state. *Asia-Pacific Journal*, v.8, n.37, 2010.

<sup>5</sup>LUXEMBURGO, Rosa. **A acumulação do capital:** contribuição ao estudo econômico do imperialismo, Volume II. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p. 86-7.

roupagem explicitamente trágica e violenta" dos poderes extra-econômicos do imperialismo, e por outro, a transferência de valores gerados pelo trabalho da classe trabalhadora dos países periféricos para os países imperialistas<sup>6</sup>).

Em grande medida, o "retorno" ao debate do imperialismo na década passada foi em resposta à manifestação da aparência explicitamente violenta que os Estados Unidos apresentaram na invasão do Afeganistão e do Iraque<sup>7</sup>. Em contraste ao "desaparecimento" do termo "imperialismo" na imprensa, na literatura e mesmo nos discursos socialistas dos anos 70, 80 e 90<sup>8</sup> (o que obviamente não significou o desaparecimento do fenômeno em si), o século XXI presenciou uma nova ascensão do conceito (uma nova onda, talvez mais intensa do que a observada por Lenin no início do século XX<sup>9</sup>): ao mesmo tempo em que a produção marxista voltava novamente a focar no debate sobre o tema, os neoconservadores do governo Bush tentavam se apropriar do termo assumindo descaradamente sua condição de imperialistas<sup>10</sup>. Sintomaticamente, "O novo imperialismo" e "O império do capital" foram publicados no mesmo ano da invasão do Iraque: no entanto, enquanto Harvey conta em sua introdução que foi motivado pela conjuntura das manifestações contra a guerra e redigiu seu texto entre fevereiro e abril de 2003, Ellen escrevia os rascunhos do seu livro há pelo menos 4 anos e a guerra aparece mais ou menos inoportunamente, e em sua introdução precisa explicar por que sua hipótese acerca do império do capital não possuir colônias não vai por água abaixo com a ocupação militar do Iraque. Talvez isso tenha a ver com, como veremos a seguir, Harvey ter enfatizado o caráter predatório do novo imperialismo, ao passo que o foco de Ellen foi no aspecto "econômico" do império do capital. Por isso, é pertinente para o debate entre a essência e a aparência do imperialismo capitalista o diálogo entre os dois trabalhos.

Hoje, ao buscar pela palavra-chave "imperialism" no google acadêmico, o livro de Harvey é o segundo da lista com 6787 citações, enquanto o livro de Ellen já foi debatido por outros(as) 813 autores(as). A repercussão dos dois livros levou a revista inglesa *Historical Materialism* a produzir

---

<sup>6</sup>LEITE, Leonardo. **A busca pela essência do imperialismo**: uma breve nota a partir de O império do capital de Ellen M. Wood. Rio de Janeiro: Revista Marx e o Marxismo, v. 4, n. 6, p. 154.

<sup>7</sup>BORON, Atilio. **A questão do imperialismo**. Em BORÓN, Atilio. A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas. São Paulo: CLACSO/Expressão Popular, 2007, p. 460.

<sup>8</sup>PATNAIK, Prabhat. **Whatever happened to Imperialism?** Nova York: Monthly Review, v.42, n.6, 1990. Citado por SUTCLIFFE, Bob. Imperialism Old and New: A Comment on David Harvey's The New Imperialism and Ellen Meiksins Wood's Empire of Capital. Londres: Revista Historical Materialism, v.14, n.4, 2007, p. 59.

<sup>9</sup>LENIN, Vladimir. **O Imperialismo**, fase superior do capitalismo [1916]. São Paulo: Centauro Editora, 2010, p. 15.

<sup>10</sup>BORON, Atilio. **A questão do imperialismo**, p. 461.

dois dossiês (um em 2006, o outro em 2007) onde ambos comentaram o livro um do outro e receberam as críticas de marxistas como Alex Callinicos e Robert Brenner, material valiosíssimo para a elaboração deste trabalho. O livro "O Brasil e o capital-imperialismo" (2010) de Virgínia Fontes deu continuidade ao debate e guiou nosso texto, assim como "Imperialism in the Twenty-First Century" (2016) de John Smith contribuiu empiricamente para nossa compreensão do papel dos imperativos econômicos no imperialismo capitalista. Nosso trabalho pretende apresentar parte deste acúmulo dos debates marxistas sobre o imperialismo no século XXI e assim contribuir na formulação teórica da luta anti-imperialista.

## I. O DESCOLAMENTO DO ECONÔMICO

Ellen Meiksins Wood nasceu em 1942 na cidade de Nova York, um ano depois da chegada de seus pais, refugiados políticos letões, aos Estados Unidos. Militantes bundistas, movimento socialista judeu forte no leste europeu, Gregory e Bella foram perseguidos pelo governo fascista instaurado na Letônia pelo golpe de estado dirigido por Karlis Ulmanis em 1934, e fugiram do país no final da década de 30 na iminência da prisão, após verem seus companheiros serem levados. Em Nova York, Ellen passou a infância rodeada por militantes da esquerda: sua mãe começou a trabalhar no *Jewish Labor Committee*, e Ellen passava grande parte do tempo na casa do tio de seu pai, outro militante socialista judeu que editava a revista *Der Vecker*. Após a guerra seus pais se separaram, Bella foi enviada pelo *Jewish Labor Committee* à Alemanha para trabalhar com pessoas desalojadas pela guerra, e Ellen passou a revezar seu tempo entre internatos europeus e estadunidenses. Foi no início da década de 1950 que Bella e Ellen se mudaram para a Califórnia, onde na década de 1960 Ellen estudou Ciência Política. Em 1967, na conjuntura de ascenso dos movimentos contra a guerra do Vietnã e das lutas por direitos civis, Ellen e seu então companheiro Neal Wood foram trabalhar como professores na Universidade de Toronto, centro da reorganização da esquerda norteamericana (nas palavras dela, seu departamento era o "mais marxista" da América do Norte). Ellen lá lecionou de 1967 a 1996, formando marxistas como George Comninel e David McNally. No ano seguinte, tornou-se editora da *Monthly Review* ao lado de Paul Sweezy e Harry Magdoff até 2000, após ter trabalhado na *New Left Review* de 1984 a 1993, período em que começou a revezar seu tempo entre Toronto e Londres. Mesmo que declarada socialista radical e ferrenha crítica da social-democracia, em ambos os países Ellen construiu partidos reformistas, disputando posições com a tendência de Tony Blair no *Labour Party* britânico e atuando no *New Democratic Party* canadense – inclusive escolhendo como companheiro, no final dos anos 2000, Ed Broadbent, um dos

líderes do *NDP*. Ellen também participou do conselho editorial da *Socialist Register*, fundada pelos membros da *New Left* britânica Ralph Miliband e John Saville – grupo com o qual Ellen tinha grande afinidade – e do conselho editorial da *Against the Current*, uma tentativa de reorganizar a esquerda revolucionária estadunidense movida, entre outros, por Robert Brenner. Foi com Brenner que Ellen formulou muitas das suas principais teses acerca da origem e especificidade do capitalismo, defendendo, seguindo a linha de Thompson e da *New Left* britânica, a centralidade da agência dos sujeitos na história (a centralidade da luta de classes), em contraposição ao estruturalismo economicista que praticavam outras vertentes do marxismo – o que os levou a serem tachados de "marxistas políticos", alcunha que adotaram para demarcar a ênfase de suas análises na compreensão do capitalismo como processo histórico<sup>11</sup>.

Compreender de que forma o capitalismo se diferencia das formações sociais que o antecederam foi o objetivo central que guiou o trabalho de Ellen Wood. Sua definição da especificidade do capitalismo tem sua base no que chamou de "A separação entre o 'econômico' e o 'político' no capitalismo", título do artigo publicado por ela em 1981 na *New Left Review*, onde argumenta como o capitalismo é o primeiro modo de produção e exploração onde a classe dominante se apropria do trabalho excedente dos produtores através de mecanismos econômicos, de modo distinto das formas pré-capitalistas que se caracterizavam por modos extra-econômicos de extração<sup>12</sup>. Isso se torna possível quando no capitalismo – ao contrário das sociedades pré-capitalistas, onde os produtores estavam "diretamente relacionados às condições de trabalho, pelo menos como possuidores, quando não proprietários, dos meios de produção" – os produtores estão isolados dos meios de produção<sup>13</sup>. Como observou Marx, a acumulação do capital "exige a aniquilação da propriedade privada fundada no trabalho próprio, isto é, a expropriação do trabalhador"<sup>14</sup>, pois é a posse dos meios de trabalho o que "possibilita ao empregador capitalista produzir mais-valia, ou, o que é o mesmo, apropriar-se de uma determinada quantidade de trabalho não remunerado"<sup>15</sup>. A apropriação é realizada através da forma assalariada das relações de trabalho: o capitalista compra a força de trabalho dos expropriados, os quais produzem as

---

<sup>11</sup>PHELPS, Christopher. **An interview with Ellen Meiksins Wood**. *Monthly Review*, v.51, n.1, 1999.

<sup>12</sup>WOOD, Ellen Meiksins. **Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico** [1995]. São Paulo: Editora Boitempo, 2017, p. 35.

<sup>13</sup>Ibid, p. 38.

<sup>14</sup>MARX, Karl. **O Capital**, Livro I [1867]. São Paulo: Editora Boitempo, 2013, p. 844.

<sup>15</sup>MARX, Karl. **Salário, Preço e Lucro** [1867].

mercadorias que são vendidas pelo capitalista, que por sua vez repassa apenas uma parte desse dinheiro ganho para seus empregados – na forma de salário. É essa especificidade das relações de trabalho no capital que "extingue todo vestígio da divisão da jornada de trabalho em trabalho necessário e mais-trabalho, em trabalho pago e trabalho não pago. Todo trabalho aparece como trabalho pago"<sup>16</sup>. Desse modo, a apropriação do trabalho excedente no capitalismo acontece numa esfera econômica, sem o uso da coerção violenta no ato da apropriação. A coerção política, judicial e militar direta não é desempenhada pela classe capitalista, e sim por um Estado "neutro", o qual não opera diretamente na apropriação em si, mas na manutenção e expansão da concentração da propriedade privada nas mãos dos apropriadores e da expropriação de toda forma de subsistência dos produtores<sup>17</sup>.

### 1.1 IMPERATIVOS ECONÔMICOS

Em 1999, após dois anos trabalhando com Sweezy e Magdoff no ambiente da *Monthly Review* – talvez o espaço mais voltado ao estudo do imperialismo na época – Ellen apresenta introdutoriamente as teses que viria a desenvolver em "O império do capital" em um artigo de 1999 intitulado "Kosovo and the new imperialism". Refletindo sobre o bombardeio realizado pela OTAN, comando pelos EUA, ao Estado da Jugoslávia liderado pelo membro do Partido Socialista da Sérvia Slobodán Milosevic, Ellen argumenta que a causa da intervenção "não é apenas uma questão de controlar territórios específicos. É uma questão de controlar o economia mundial inteira e os mercados globais, em todo lugar e a todo tempo"<sup>18</sup>. O imperialismo agia para "assegurar que as forças do mercado capitalista prevaleçam em todo canto do mundo" e para "manipular as forças do mercado em benefício das economias capitalistas mais poderosas e dos Estados Unidos em particular"<sup>19</sup>. Na prática, isso significava a "exploração direta da força de trabalho barata pelas transnacionais com suas bases nos países capitalistas avançados mas também mais indiretamente através de coisas como a dívida e manipulação das taxas de câmbio". Estabelecer soberania sobre a economia global, diz ela, é algo muito diferente de estabelecer soberania sobre um território com fronteiras específicas: a ação militar não apresenta necessariamente "nenhum objetivo

---

<sup>16</sup>MARX, Karl. **O Capital**, Livro I, p. 745.

<sup>17</sup>WOOD, Ellen Meiksins. **Democracia contra capitalismo**, p. 34.

<sup>18</sup>WOOD, Ellen Meiksins. **Kosovo and the new imperialism**. *Monthly Review*, v.51, n.2, 1999.

<sup>19</sup>Ibid.

específico e concreto", pois seu objetivo não é o controle de territórios ou recursos específicos. Como disse Harry Magdoff nos tempos da guerra do Vietnã, não é possível explicar a política externa estadunidense em termos materiais específicos<sup>20</sup>. A guerra da Iugoslávia e todas outras intervenções estadunidenses redor do globo ao longo da segunda metade do século XX fizeram parte do esforço do imperialismo norte-americano para assegurar o funcionamento do mercado global. O exército que atacou o Kosovo ou o Vietnã não tinha por objetivo (apenas) um recurso natural ou a conquista de um território específico, e sim a manutenção do controle global da economia.

De forma análoga à dominação do capital sobre o trabalho, exercida "sem poder coercivo direto, porque os trabalhadores dependem do mercado e são obrigados a entrar nele para vender sua força de trabalho", no plano global "mais e mais partes do mundo foram submetidas a esses imperativos de mercado que as tornaram dependentes"<sup>21</sup>. É a mediação do mercado que faz com que a compulsoriedade<sup>22</sup> que leva os produtores a venderem sua força de trabalho – “o trabalhador sem propriedade tem pouco espaço de manobra quando a venda da força de trabalho em troca de um salário é a única maneira de ter acesso aos meios de subsistência” – pareça ser “impessoal (...) imposta não por homens, mas por mercados”<sup>23</sup>. Da mesma forma, é a dependência econômica dos países periféricos em relação ao mercado mundial que os compele a abrir mão do valor produzido em seu território para ser apropriado pelos países imperialistas.

Essa sobreposição do poder econômico sobre o extraeconômico é o que caracteriza o império do capital, distinguindo-o das formas pré-capitalistas de imperialismo que se apropriavam do trabalho das regiões dominadas através da força extraeconômica: o império romano expropriava as regiões dominadas através da cobrança de tributos, o império espanhol dependia da conquista e ocupação militar e do trabalho forçado, o império árabe, veneziano e holandês do controle militar das rotas e postos de comércio<sup>24</sup>. Por isso, os primórdios do imperialismo capitalista estão na exploração da Irlanda pela Inglaterra no século XVIII, onde os grupos dominantes

---

<sup>20</sup>Ibid.

<sup>21</sup>WOOD, Ellen Meiksins. **O império do capital** [2003]. São Paulo: Editora Boitempo, 2014, p. 9-10.

<sup>22</sup>Sigo aqui a indicação de Virgínia Fontes: de acordo com ela, “a tradutora brasileira optou por 'compulsão', mas creio que o termo compulsoriedade torna mais nítido o sentido impresso por E. Wood, de imposição que é introjetada, e não de uma origem psíquica ou psicológica, ainda que contenha também este sentido”. FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo: teoria e história**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010, p. 96.

<sup>23</sup>WOOD, Ellen Meiksins. **O império do capital**, p. 16.

<sup>24</sup>Ibid, p. 33-63.

irlandeses "que usavam seu poder extraeconômico para extorquir impostos daqueles sob sua autoridade, seriam substituídos por proprietários de terras cuja riqueza vinha das rendas geradas por locatários engajados na agricultura comercial produtiva. Esses efeitos seriam atingidos acima de tudo pela expropriação e deslocamento dos irlandeses"<sup>25</sup>.

Ou seja, a força extra-econômica não perde importância no imperialismo capitalista, o qual exige apoio extra-econômico. A força extra-econômica é "essencial para a manutenção da coerção econômica em si"<sup>26</sup>. A questão, para Ellen, é em que momento ela é desempenhada. Ao contrário do que ocorria nas sociedades não-capitalistas, onde a coerção era utilizada diretamente pelos apropriadores, quem opera a violência não são diretamente os capitalistas, mas o Estado, que aparenta representar a sociedade como um todo, de maneira "neutra". Os imperativos extra-econômicos no capitalismo não desempenham uma função direta na apropriação '*per se*' de trabalho excedente. A violência não é aplicada na extração direta de riquezas, mas na manutenção das formas sociais que permitem que mais-valor seja extraído, ou seja, para a manutenção da propriedade privada e dos expropriados. A prisão de grevistas pela polícia, por exemplo, é uma das formas em que o Estado reprime qualquer tentativa de questionar essa estrutura de funcionamento da sociedade. O Estado desempenha um papel indispensável e insubstituível na manutenção das relações de propriedade essenciais para a apropriação de trabalho excedente através dos mecanismos do mercado, principalmente, da compra da força de trabalho – como por exemplo, regular e defender a propriedade privada com seu aparato de juízes e soldados; estipular os termos dos contratos entre empregadores e empregados (as leis trabalhistas: o salário mínimo, a carga horária, o seguro desemprego, a aposentadoria); ou regular o fluxo de investimentos de capital entre Estados-nação (os impostos e tarifas alfandegárias, os termos para o investimento estrangeiro direto e de carteira no país, os termos para a exploração de recursos naturais do país por empresas estrangeiras, etc.).

Dessa forma, os "imperativos capitalistas" de Ellen são sinônimo do que Marx chamou de "a muda coação das condições econômicas pela o domínio do capitalista

---

<sup>25</sup>Ibid, p. 69.

<sup>26</sup>Ibid, p. 17.



sobre o trabalhador. Violência extra-econômica direta é ainda, é verdade, empregada, mas apenas excepcionalmente”<sup>27</sup>.

## 1.2 IMPERIALISMO CAPITALISTA E A QUESTÃO DAS COLÔNIAS

*Nem os EUA nem qualquer outra grande potência ocidental é hoje um império colonial em comando direto de vastos territórios dominados. Embora os Estados Unidos tenham presença militar em cerca de 140 países, não se pode dizer que o poder imperial imponha claramente a sua dominação por meio de regimes títeres mantidos pelo poder militar imperial. Nem existe hoje nada semelhante aos impérios comerciais que prevaleceram no passado por dominarem as rotas de comércio por meio de força superior ou pelo domínio de uma tecnologia naval mais avançada*<sup>28</sup>.

Ao contrário da exploração de colônias, submetidas formalmente ao poder imperial por vias militares, judiciais e/ou políticas, “a única relação formalmente reconhecida [entre países exploradores e explorados] é a que existe entre entidades legalmente livres e iguais, como compradores e vendedores, tomadores de empréstimos e emprestadores, ou até mesmo entre estados claramente soberanos”<sup>29</sup>. Os teóricos do marxismo clássico partilhavam de uma premissa fundamental comum que os impedia de perceber isto: “o imperialismo estava relacionado com a localização do capitalismo num mundo que não era, e aparentemente nunca seria, completamente, nem mesmo, predominantemente capitalista”<sup>30</sup>. Isso se deu pois eles escreviam em um tempo em que o capitalismo ainda não havia se universalizado, quando as “relações imperiais tomavam a forma de interações entre um pequeno centro capitalista e um mundo predominantemente não-capitalista”, e onde as “potências capitalistas exploravam os territórios não-capitalistas majoritariamente através do saque, violência, opressão e fraude”<sup>31</sup>. Para a autora, “há poucas dúvidas em relação ao fato das teorias marxistas clássicas acerca do imperialismo, de modo geral, terem mais a ver com imperialismo territorial do que com uma forma de dominação análoga à exploração de classe capitalista”, onde a dominação “se dá através do mercado e carece da transparência do imperialismo pré-capitalista”<sup>32</sup>.

---

<sup>27</sup>MARX, Karl. **O Capital**, livro 1, tomo 2. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996, p. 359. Citado por: SMITH, John. *Imperialism in the twenty-first century: globalization, super-exploitation and capitalism's final crisis*. New York: Monthly Review Press, 2016, p. 352.

<sup>28</sup>WOOD, Ellen Meiksins. **O império do capital**, p. 15.

<sup>29</sup>Ibid, p. 16.

<sup>30</sup>WOOD, Ellen Meiksins. **O império do capital**, p. 98.

<sup>31</sup>WOOD, Ellen Meiksins. **Logics of power: a conversation with David Harvey**. Londres: Revista Historical Materialism, v.14, n.4, 2007, p. 22.

<sup>32</sup>Ibid.

De acordo com Eduardo Mariutti, a tese de Lenin sobre a concentração e centralização de capitais, que põe em marcha a intensificação da socialização da produção, mostra que “a interpretação proposta por Meiksins não discrepa fundamentalmente do quadro geral proposto por Lênin”, pois tal tese apontaria para um mundo onde o capitalismo tornar-se-ia universal. John Smith também acredita que Ellen “mal interpreta Lenin”, dizendo que tal argumento poderia ser aplicado à Rosa, que acreditava que o capitalismo precisava de outros sistemas econômicos para sobreviver<sup>33</sup>, mas não à Lenin, “que enfatizou como os capitalistas das grandes potências tornaram-se imperialistas – isso é, expansionistas e predatórios no resto do mundo – como uma resposta necessária à sobreacumulação doméstica do capital” bem como ao “acirramento das lutas de classe, ambos os quais provocaram suas expansões predatórias além-mar”<sup>34</sup>. O fato do imperialismo existir num mundo onde formas pré-capitalistas prevaleciam era “uma circunstância, e não um predicado, da teoria de Lenin”<sup>35</sup>.

De fato, a capacidade do imperialismo capitalista de subordinar estados soberanos através do capital financeiro é observada no “Imperialismo, fase superior do capitalismo”. No entanto, logo na sequência Lenin ressalta como a subordinação colonial é a “mais lucrativa e cômoda” para o capital:

o capital financeiro é uma força tão considerável, pode dizer-se tão decisiva, em todas as relações econômicas e internacionais, que é capaz de subordinar, e subordina realmente, mesmo os Estados que gozam da independência política mais completa. Mas, compreende-se, a subordinação mais lucrativa e cômoda para o capital financeiro é uma subordinação tal que traz consigo a perda da independência política dos países e dos povos submetidos<sup>36</sup>.

---

<sup>33</sup>Ver LUXEMBURGO, Rosa. **A acumulação do capital**: contribuição ao estudo econômico do imperialismo [1912]. São Paulo: Abril Cultural, 1984. Em especial p. 98 (Volume II), onde no último parágrafo do livro Rosa escreve que o capitalismo é a primeira forma econômica capaz de propagar-se vigorosamente: é uma forma que tende a estender-se por todo o globo terrestre e a eliminar todas as demais formas econômicas, não tolerando nenhuma outra a seu lado. Mas é também a primeira que não pode existir só, sem outras formas econômicas de que alimentar-se (...) seu movimento de acumulação expressa a potencialização dessa contradição”.

<sup>34</sup>SMITH, John. **Imperialism in the twenty-first century**. New York: Revista Monthly Review, v.67, n.3, 2015, p. 226.

<sup>35</sup>Ibid.

<sup>36</sup>LENIN, Vladimir. **O Imperialismo**, fase superior do capitalismo [1916]. São Paulo: Centauro Editora, 2010, p. 80. Note-se a diferença da tradução deste trecho para a tradução feita por Virgínia Fontes da edição francesa do panfleto de Lenin: “o capital financeiro e um fator tão poderoso, tão decisivo, podemos dizer, em todas as relações econômicas e internacionais, que ele é capaz de subordinar e subordina efetivamente até mesmo Estados que detêm uma completa independência política. O que dá ao capital financeiro as maiores “comidades” e as maiores vantagens é uma submissão tal que implica, para os países e povos em causa, a perda de sua independência política. Os países emi-coloniais são típicos, a esse respeito, enquanto solução média [ou mediana]”. Aqui, países semi-coloniais são “solução média”, e não a “subordinação mais lucrativa e cômoda”. Ressalte-se a frase que antecede o trecho citado, traduzida

Lenin não vivenciou o desenvolvimento inédito do império do capital ao longo do século XX, e se o tivesse, provavelmente teria outra concepção acerca da relação entre o imperialismo capitalista e a questão das colônias<sup>37</sup>. Todavia, Mariutti e Smith tem razão ao ressaltar como a teoria de Lenin não é incompatível com um mundo onde o capitalismo se universalizou, visto que, como apontou Mariutti, a própria tese da concentração e centralização de capital e a conseqüente criação de monopólios prevê tal processo de universalização. "A ultra simplificação que identifica o imperialismo com o colonialismo puro e simples em nada se parece com a teoria de Lenin"<sup>38</sup>, observou Magdoff.

De toda forma, o desenvolvimento do marxismo ao longo do século XX levou além o debate de Lenin. Acompanhando Ellen, Eric Hobsbawm apontou a preferência dos EUA por dominar Estados "tecnicamente independentes seguindo, na essência, os comandos de Washington" ("mais ou menos soberanos" nas palavras de Ellen). De acordo com o historiador britânico, tal dominância exige "contínua e substancial prontidão em exercer pressão direta e indireta [sobre estes] governos e, se preciso, periódica e unilateral intervenção armada". Isso caracteriza o "peculiar modo de atuação do império americano, que sempre preferiu Estados-satélite ou protetorados a colônias formais"<sup>39</sup>. Talvez o expansionismo dos Estados Unidos raramente tenha tomado a forma de colonialismo "devido à sua própria história como ex-colônia, que teve de lutar pela sua independência", analisaram Sweezy e Barán<sup>40</sup>. Esse "neocolonialismo" estadunidense, complementa Victor Kiernan (companheiro de Hobsbawm no Grupo dos Historiadores do Partido Comunista Britânico), contrasta "com o estágio anterior (...) representado pelos impérios europeus que anexavam e ocupavam territórios, sujeitando seus povos a um controle direto"<sup>41</sup>.

---

por Virgínia da seguinte forma: "Quanto aos Estados "semi-coloniais", oferecem um exemplo de formas transitórias que se encontra em todos os domínios da natureza e da sociedade". FONTES, Virgínia [2010]. **O Brasil e o capital-imperialismo: teoria e história**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010, p. 108.

<sup>37</sup>WOOD, Ellen Meiksins. **A reply to critics**. Londres: Revista Historical Materialism, v.14, n.4, 2007, p. 165.

<sup>38</sup>MAGDOFF, Harry. **A era do imperialismo**. São Paulo: Editora Huicitec, 1978, p. 40.

<sup>39</sup>HOBSBAWM, Eric. **Prefácio**. Em KIERNAN, Victor. Estados Unidos, o novo imperialismo: da colonização branca à hegemonia mundial. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009, p. 11.

<sup>40</sup>SWEETZY, Paul e BARAN, Paul. **Capitalismo Monopolista**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966, p. 184.

<sup>41</sup>KIERNAN, Victor. **Estados Unidos, o novo imperialismo**, p. 15.

## II. A ACUMULAÇÃO POR ESPOLIAÇÃO<sup>42</sup>

Harvey nasceu sete anos antes de Ellen, em 1935, na cidade de Gillingham, na Inglaterra. Ao contrário da *red diaper*<sup>43</sup>, Harvey teve sua formação política muito distante do marxismo até seus trinta anos. Viveu na paisagem rural de Kent até os dezenove, quando vai para Cambridge, 120 quilômetros da sua terra natal, para estudar geografia. Ele escreve sua tese de PhD (1962) sobre a produção de lúpulo na Kent do século XIX e se muda pela segunda vez, indo lecionar em Bristol de 1961 a 1969, um dos centros mundiais da geografia quantitativa<sup>44</sup> na época, o que influenciou sua obra sobre teoria e metodologia da geografia *Explanation in Geography* (1969).

É quando chega em Baltimore (nordeste dos EUA) para dar aulas na *John Hopkins University* em 1969 que Harvey se sensibiliza mais profundamente com as injustiças sociais e se interessa pelo pensamento marxista. Baltimore, uma cidade relativamente pobre e mergulhada em um intenso processo de declínio industrial desde a guerra, é palco de fortes mobilizações contra o desemprego gerado pelo fechamento de empresas, as quais se juntavam nas ruas com as mobilizações contra a guerra no Vietnã e com as lutas por direitos civis protagonizada pelo movimento negro. Harvey entra em contato com professores e alunos da Universidade de Clark e participa da revista *Antipode*, uma "revista radical de geografia" fundada em 1969 por marxistas e anarquistas. *Social Justice and the city* é seu primeiro trabalho influenciado pelo marxismo, e a partir de então, foca no estudo dos trabalhos de Marx, o que culmina no lançamento de seus *Limits to capital* (1982). De 1987 a 1993, Harvey se muda para a Inglaterra para lecionar geografia em Oxford, depois retornando a Baltimore. Em 2001 – mesmo ano da invasão estadunidense do Afeganistão – é contratado pela Universidade de Nova York para lecionar antropologia, quando começa a se interessar especificamente pelo tema do imperialismo.

---

<sup>42</sup>Escolhemos aqui traduzir "accumulation by dispossession" como "acumulação por espoliação" e não como "acumulação por dispossessão" seguindo a tradução brasileira de "O novo imperialismo".

<sup>43</sup>Forma como eram apelidadas, nos Estados Unidos, as crianças nascidas de pais militantes da esquerda. PHELPS, Christopher. **An interview with Ellen Meiksins Wood**. *Monthly Review*, v.51, n.1, 1999.

<sup>44</sup>A qual foi criticada, a partir de um ponto de vista materialista-histórico, notavelmente SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: Hucitec, 1978.

É no mínimo curioso que Harvey vai a Baltimore um ano após Ellen se mudar para Toronto, cidades separadas por uma viagem de 8 horas (700 quilômetros). A convivência que tiveram com o ativismo político que contaminava a região dos grandes lagos é vista pelos dois como um marco em suas vidas. Coincidentemente, a estadia dele em Oxford (1987-1993) é concomitante ao período em que ela foi editora da revista inglesa *New Left Review* (1984-1993) – a circulação entre América do Norte e Inglaterra fez parte da trajetória de ambos – e o interesse deles pelo imperialismo é algo que só desponta em seus últimos anos no século XX.

## 2.1 O DUPLO ASPECTO DA ACUMULAÇÃO DO CAPITAL

É a partir da formulação de Rosa Luxemburgo acerca da acumulação do capital apresentar um "duplo aspecto" que Harvey explica o funcionamento da acumulação capitalista. O primeiro "concerne ao mercado de bens e ao lugar em que é produzida a mais-valia – a fábrica, a mina a propriedade agrícola". Este é um "processo puramente econômico", sendo a relação capital-trabalho sua fase mais importante, onde formalmente prevalecem "a paz, a propriedade e a igualdade" (é o que Harvey chama de acumulação expandida). O segundo se refere "às relações entre o capitalismo e modos de produção não capitalistas", onde a "política colonial", os "empréstimos" e a "guerra" são seus "métodos predominantes". Aqui, "exibem-se abertamente a força, a fraude, a opressão, a pilhagem, sem nenhum esforço para ocultá-las"<sup>45</sup>.

O novo imperialismo, constituído a partir da crise na qual entrou a produção capitalista desde a década de 1970, é visto por Harvey primordialmente como um processo de espoliação, "a marca do novo imperialismo"<sup>46</sup>. A acumulação por espoliação surge quando a acumulação por reprodução expandida adentra em uma de suas inevitáveis crises de sobreacumulação e não dá mais conta da sede de acumulação dos capitalistas. No período "áureo" do pós-guerra (1945-1970), ocorreu "um sólido crescimento por meio da reprodução ampliada no mundo capitalista e a acumulação via

---

<sup>45</sup>LUXEMBURG, Rosa. **The accumulation of capital** [1913]. New York: Monthly Review Press, 1968. Citada por HARVEY, David. **O novo imperialismo** [2003]. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 115. Na edição brasileira: LUXEMBURGO, Rosa. **A acumulação do capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo**, Volume II. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p. 86-7.

<sup>46</sup>HARVEY, David. **O novo imperialismo: acumulação por espoliação**. Biblioteca da CLACSO, p. 96. Em HARVEY, David. **O novo imperialismo** [2003]. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 62, Harvey afirma que "aquilo que denomino 'acumulação via espoliação' tornou-se uma característica bem mais central no âmbito do capitalismo global".

desapossamento foi relativamente silenciada"<sup>47</sup>. Foi "a incapacidade de acumular por meio da reprodução ampliada" que tornou necessária a espoliação, que tem "compensado" tal incapacidade<sup>48</sup>.

Para embasar esta tese, Harvey traz a análise de Hannah Arendt sobre como a depressão da produção capitalista das décadas de 1860/70 na Inglaterra gerou uma nova forma, "espoliativa", de imperialismo. Segundo ela, a crise econômica de sobreacumulação do capital dos anos 60 e 70 do século XIX trouxe o surgimento do "dinheiro supérfluo", resultado do excesso de entesouramento, o qual "não podia encontrar investimentos produtivos dentro das fronteiras nacionais". Isto levou à exportação deste dinheiro, configurando um quadro em que "investimentos não controlados em países distantes ameaçavam (...) transformar a economia capitalista de um sistema de produção num sistema de especulação financeira e substituir os lucros da produção pelos lucros das comissões", a "especulação fraudulenta" ganhando um espaço que jamais havia tido no capitalismo<sup>49</sup>. Harvey vê um paralelo deste cenário com as décadas de 1980/90 do século XX, onde, a partir da década anterior, os burgueses perceberam, como já havia acontecido em 1860/70, que "o pecado original do simples roubo, que séculos antes tornara possível a acumulação do capital (...) tinha eventualmente de se repetir para que o motor da acumulação não morresse de repente"<sup>50</sup>.

Acumulação por espoliação é, pois, um novo nome para a "acumulação primitiva"<sup>51</sup>. Ela é a liberalização forçada de ativos para a compra (ou, em alguns casos, para a pura apropriação sem pagamento) pelos detentores de capital excedente, que

---

<sup>47</sup>HARVEY, David. **O novo imperialismo: acumulação por desapossamento (Parte II)**. São Paulo: Revista Lutas Sociais, n.15/16, 2006, p. 25.

<sup>48</sup>HARVEY, David. **O novo imperialismo: ajustes espaço-temporais e acumulação por desapossamento**. São Paulo: Revista Lutas Sociais, n.13/14, 2005.

<sup>49</sup>ARENDT, Hannah. **Imperialism**. New York: Harcourt Brace Janovich, 1968, p. 15. Citada por HARVEY, David. **O novo imperialismo** [2003]. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 119.

<sup>50</sup>Ibid.

<sup>51</sup>Segundo Arendt e Harvey, Marx entenderia a acumulação primitiva como um processo que já ocorreu, datado em um período histórico determinado, e que abriu o caminho para a acumulação por reprodução expandida, que opera agora "em condições de paz, propriedade e igualdade". Para Harvey, a teoria geral da acumulação do capital de Marx está baseada em duas etapas históricas distintas: uma primeira, a da acumulação "primitiva" ou "original", baseada principalmente no roubo e na expropriação (da terra dos camponeses pelos "landlords", por exemplo) e a subsequente "forma de reprodução expandida", onde o sistema capitalista já está estabelecido: há "mercados competitivos de livre funcionamento com arranjos institucionais de propriedade privada, individualismo jurídico, liberdade de contrato e estruturas legais e governamentais apropriadas", as quais são "garantidas por um Estado 'facilitador' que também garante a integridade da moeda como estoque de valor e meio de circulação". A acumulação baseada na atividade predatória e fraudulenta e na violência faria, para Marx, parte do passado ou, no caso de Rosa, faria parte de alguma forma exterior ao capitalismo. HARVEY, David. **O novo imperialismo**, p. 120.

poderão então dar um uso lucrativo para tal capital sobreacumulado<sup>52</sup>. A liberalização forçada é realizada através da abertura de novas áreas ao desenvolvimento capitalista, tanto de novos territórios (como a abertura dos países ex-comunistas ao mercado do capital<sup>53</sup>) como de novas áreas da produção e consumo ou que antes não eram exploradas pelo capital (como a 'natureza', com o patenteamento de material genético e substâncias de plantas<sup>54</sup>), ou que estavam em mãos do público após terem sido conquistadas por duras lutas de classes, sendo reabertas para o capital pelas privatizações, o “braço armado”<sup>55</sup> da espoliação. A liberalização forçada também pode ser realizada através da desvalorização de ativos já existentes, geralmente gerada por uma crise orquestrada (por exemplo, a crise asiática de 1997-8<sup>56</sup>), a qual oferece ativos a preço de banana de bandeja para o capital sobreacumulado ser investido em novos campos de acumulação. Mas a característica central do novo imperialismo é a financialização, "a vanguarda da acumulação por espoliação", “um dos principais centros de atividade redistributiva por meio da especulação, da predação, da fraude e da roubalheira”<sup>57</sup>. O sistema financeiro internacional – sob a liderança do FMI e com o apoio do poder estatal, sobretudo o dos Estados Unidos – é o principal criador e administrador das crises de desvalorização de ativos<sup>58</sup>.

---

<sup>52</sup>Ibid, p. 124.

<sup>53</sup>A “terapia de choque” movida pelas potências capitalistas e instituições internacionais na Rússia e na China que se abriam ao capital levaram ao fechamento ou privatização de inúmeras empresas estatais, “acabando com obrigações de bem-estar social e de pagamento de aposentadorias e criando um grande reservatório de trabalhadores desempregados”. Ibid, p. 127.

<sup>54</sup>Ibid, p. 123.

<sup>55</sup>Ibid, p. 130. A privatização das habitações sociais e de serviços como água, telecomunicações, energia e transporte realizadas pelo governo Thatcher forma o pontapé inicial de uma política global de expropriações movidas pelos Estados neoliberais. A privatização da água promovida pelo Banco Mundial na África do Sul pós-apartheid, as privatizações de serviços na Argentina e a privatização dos “ejidos” (comunidades agrícolas autossuficientes) no México são exemplos do alastramento das espoliações pelo mundo. Ibid. p. 131-2. Leda Maria Paulani aponta as privatizações realizadas pelo governo FHC como exemplo concreto de espoliação, colocando como muitas vezes os “compradores” (que, no processo de privatização, se apossaram das ações estatais a preços baixíssimos) foram ainda por cima financiados pelo BNDES a juros subsidiados (de menores taxas, pois o governo cobre parte dos juros), e por vezes tais empréstimos nem foram pagos, como foi o caso da Eletropaulo/Enron, que deixou dívidas com o BNDES após ir à falência. PAULANI, Leda Maria. **Capitalismo financeiro, estado de emergência econômico e hegemonia às avessas no Brasil**. Em RIZEK, Cibele; BRAGA, Ruy e OLIVEIRA, Francisco. *Hegemonia às Avessas*. Editora Boitempo, 2010, p. 131-2.

<sup>56</sup>WADE, R. e VENEROSO, F. **The asian crisis: the high debt model versus the Wall-Street-Treasury-IMF complex**. *New Left Review*, n. 228, 1998, p. 3-23 citados por HARVEY, David. *O novo imperialismo*, p. 125.

<sup>57</sup>HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações** [2005]. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 173-4.

<sup>58</sup>Id. **O novo imperialismo**, p. 125.

## 2.2 SOBREACUMULAÇÃO E "AJUSTES ESPAÇO-TEMPORAIS"

Para Harvey, a necessidade de exportar capital excedente é o motor do imperialismo. Ao não encontrarem mais espaço para reinvestir capital dentro de suas fronteiras, as empresas dos países capitalistas desenvolvidos vão atrás de outras regiões que ofereçam as oportunidades lucrativas necessárias a ela, ou seja, que ofereçam possibilidades de atividades produtivas que irão gerar bens ou prestar serviços que serão comprados por consumidores. O "cerne da dificuldade" das empresas capitalistas face às crises se sobreacumulação é "a falta de oportunidades lucrativas". É imperativo, portanto, que maneiras lucrativas de absorver os excedentes de capital sejam descobertas para evitar a desvalorização<sup>59</sup>. Assim, a "expansão geográfica e a reorganização espacial" são uma opção para estas empresas encontrarem, em outras regiões, possibilidades de investimentos lucrativos para seus capitais excedentes. Este movimento oferece "um forte meio de atenuar, se não de resolver, a tendência à formação de crises no âmbito do capitalismo"<sup>60</sup> [grifo meu]. Nesse sentido, Harvey acredita que "a lógica capitalista do imperialismo tem de ser entendida contra esse pano de fundo de buscar 'ordenações espaço-temporais' para o problema do capital excedente"<sup>61</sup>.

Mas, segundo Harvey, há maneiras de se diminuir, ou acabar, com a necessidade de exportar capital excedente, se forem abertos novos terrenos para a acumulação do capital internos às fronteiras do país exportador. No século XIX, o inglês Joseph Chamberlain e o francês Jules Ferri, dois defensores das reformas internas na educação e da melhoria das infraestruturas físicas e sociais, passaram a ser ardentes defensores do imperialismo, "obrigados" a "recuar" frente ao "clamor de protesto lançado pelas classes proprietárias"<sup>62</sup>. A partir disto, Harvey conclui que "a conversão a uma forma liberal de imperialismo (...) não resultou de imperativos econômicos absolutos, mas da resistência política da burguesia à renúncia de quaisquer de seus privilégios e, por conseguinte, da recusa a absorver a sobreacumulação internamente por meio de reformas sociais domésticas"<sup>63</sup>. Segundo Harvey, Hobson também teria percebido isto como o "problema essencial", e por isto se "empenhou em uma política socialdemocrata que se opusesse a

---

<sup>59</sup>Ibid, p. 78.

<sup>60</sup>Ibid.

<sup>61</sup>Ibid.

<sup>62</sup>Ibid, p. 106.

<sup>63</sup>Ibid, p. 107.



ele"<sup>64</sup>. Nesse sentido, para Harvey Arendt estaria certa "em interpretar o imperialismo que surgiu no final do século XIX como 'antes o primeiro estágio do domínio político da burguesia do que o último estágio do capitalismo'", entendendo que tal atuação no estrangeiro exigiu que "os interesses da burguesia dominassem por completo a política e o poder militar do Estado"<sup>65</sup>.

É a recusa das burguesias de absorver a sobreacumulação internamente que leva à exportação de capitais excedentes. Segundo ele, "os Estados Unidos poderiam reduzir o grau de, se não renunciar à, sua trajetória imperialista envolvendo-se numa vasta redistribuição de riqueza dentro de suas fronteiras", redirecionando "fluxos de capital para a produção e a renovação das infraestruturas físicas e sociais" (por exemplo, a educação pública)<sup>66</sup>.

Contextualizar a exportação de capital dentro da lógica concorrencial do capital, onde o espaço que oferece os custos (especialmente força de trabalho) de produção mais baixos receberá os investimentos das empresas imperialistas parece, para Smith, mais efetivo para entendermos as exportações de capital do que a reflexão de Harvey sobre a necessidade de exportação de capital excedente gerada pela sobreacumulação<sup>67</sup>:

de acordo com Harvey, o núcleo do capital [core capital] procura resolver suas crises de sobreacumulação através de um ajuste temporal, envolvendo a produção de 'novos espaços onde a produção capitalista possa proceder (através de investimentos infraestruturais, por exemplo), o crescimento do comércio e investimentos diretos, e a exploração de novas possibilidades para a exploração da força de trabalho'. Isso é o que Marx chamou de conceito caótico. Ao invés da deliberada vaguidão de exploração de novas possibilidades para a exploração da força de trabalho, que tal algo mais direto como intensificação da exploração do trabalho de baixos-salários? No final, a tentativa de Harvey de adicionar uma dimensão espacial à teoria marxista se desmancha porque ele negligencia a discussão das implicações espaciais dos controles de imigração, do aprofundamento da diferença salarial entre nações imperialistas e semicoloniais, da arbitragem global do trabalho<sup>68</sup>.

Como lembra Harry Magdoff, Lenin já havia polemizado com as teses que colocavam a "superprodução" como motor do imperialismo. Magdoff aponta, de início, que há um trecho do livro de Lenin que poderia nos fazer pensar que a exportação de capital excedente é o que define o imperialismo: nas palavras do revolucionário russo,

---

<sup>64</sup>Ibid, p. 107.

<sup>65</sup>ARENDR, Hannah. **Imperialism**, p. 32. Citada por HARVEY, David. O novo imperialismo, p. 107.

<sup>66</sup>HARVEY, David. **O novo imperialismo**, p. 68.

<sup>67</sup>SMITH, John. **Imperialism in the Twenty-First Century** (2016), p. 201.

<sup>68</sup>Ibid. Sua tese sobre a arbitragem global do trabalho como motor do imperialismo é discutida no ponto 3.1 deste artigo.

"a necessidade para a exportação de capital decorre do fato de que em alguns países o capitalismo tornou-se 'muito maduro' e (...) o capital não pode encontrar investimentos lucrativos". Mas, diz Magdoff, "isto é apenas um dos elementos da sua teoria":

Ao invés de basear sua discussão na questão do capital excedente, Lenin coloca grande ênfase sobre o papel do investimento na produção de matérias-primas, que sabemos ser o maior elemento de investimento estrangeiro no mundo subdesenvolvido. Este investimento não tem nada a ver com um excedente de capital, mas sim com o fato de as matérias-primas só serem encontradas nesses locais. O capital explora minério de ferro no Brasil, não por causa de um excesso de capitais na Europa ou na América ou no Japão, mas sim para ganhar o controle sobre estes recursos<sup>69</sup>.

Para Lenin a exportação de capitais não era resultado de diminuição da taxa de lucros nas economias imperialistas, e sim estava associada às margens de lucro maiores em conjunto com a crescente concentração das forças monopolistas na indústria, sendo as disputas inter-imperialistas a competição por mercados, matérias-primas e oportunidades de investimento mais lucrativas<sup>70</sup>. Tal compreensão é acentuada pelo "Capitalismo Monopolista" de Sweezy e Barán, onde defendem que

o investimento no exterior, longe de ser um escoadouro para o excedente criado internamente, é um recurso dos mais eficientes para a transferência do excedente gerado no exterior para o país investidor. Nessas circunstâncias, é evidente que o investimento no exterior agrava, ao invés de ajudar a resolver, o problema de absorção do excedente<sup>71</sup>.

A compreensão oposta de Harvey, que vê os países pobres como "escoadouros de capitais excedentes pelos quais são considerados responsáveis"<sup>72</sup>, acaba por levá-lo a crer que se o governo estadunidense optasse por investir o capital sobreacumulado em

---

<sup>69</sup>Ver MAGDOFF, Harry. **A era do imperialismo** [1969]. São Paulo: Editora Huicitec, 1978, p. 29-31, 48-59. "A indústria ia agora pelo mundo à procura dos materiais básicos sem os quais, em suas novas formas, não poderia existir (...) o padrão de vida dos operários e a lucratividade da indústria, nas nações europeias, passaram a depender da manutenção dos suprimentos de além-mar". Dos 62 materiais estratégicos da indústria estadunidense para a produção de motores a jato, turbinas a gás, reatores nucleares etc. (que exigem "materiais que suportem altas temperaturas e possuam grande resistência" como o tungstênio, colúmbio, níquel, cromo, molibdênio, cobalto), "pelo menos 52 dependem 40% de fornecimento externo".

<sup>70</sup>BOSE, Prasenjit. **'New' Imperialism?** On Globalisation and Nation-States. Londres: Revista Historical Materialism, v.15, n.3, 2007, p.112.

<sup>71</sup>BARÁN, Paul e SWEEZY, Paul. **Capitalismo monopolista** – ensaio sobre a ordem econômica e social americana. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1966, p. 113.

<sup>72</sup>HARVEY, David. **O novo imperialismo**, p. 101.

áreas sociais (nos sistemas de saúde e educação, por exemplo), diminuiria-se a necessidade de exportar capital<sup>73</sup>.

### III. MAIS-VALOR E EXPROPRIAÇÃO NO IMPERIALISMO CAPITALISTA

A extração de mais-valor através da exploração do trabalho livre é a forma social concreta da existência do capital, e a autonomização de uma esfera econômica é a forma pela qual se obnubilam as relações sociais capitalistas<sup>74</sup>. A *atividade* do capital – onde produtos do trabalho da classe trabalhadora são apropriados pela classe capitalista através da relação capital-trabalho – geralmente chamada de "acumulação ampliada", é o que Harvey cunhou de "acumulação expandida". Para que essa atividade seja possível, é necessária uma *condição social* básica: "a existência de trabalhadores livres"<sup>75</sup>, ou seja, "expropriados"<sup>76</sup>, que constituem "a base social primordial para que seja possível instaurar-se a relação social que imbrica capital e trabalho"<sup>77</sup>. Para fazer funcionar a extração de mais-valor através da compra da força de trabalho, a classe capitalista precisa ter à sua disposição massas de pessoas dispostas a venderem suas forças de trabalho, de preferência sob quaisquer condições. É necessário arrancar da classe trabalhadora toda forma de subsistência que não seja mediada pelo mercado capitalista, o que é feito constantemente através das expropriações.

A distinção que Harvey faz entre acumulação por reprodução expandida e acumulação por espoliação o leva "a não correlacionar as múltiplas expropriações ao gigantesco crescimento da disponibilização de trabalhadores para o capital"<sup>78</sup>. De acordo com Virgínia, as expropriações são o motor da acumulação expandida, pois elas que disponibilizam cada vez mais pessoas para trabalharem em troca de um salário e destroem incessantemente todas as formas de produção da vida que não estão submetidas ao modo capitalista de produção. A existência e reprodução do capital "exige a conservação e reprodução em escala sempre crescente de uma população dependente do mercado, disponível para a venda da força de trabalho de forma integral

---

<sup>73</sup>Especificamente na formulação deste raciocínio, Harvey acaba se aproximando de uma compreensão do imperialismo como uma questão de escolha política, semelhante à argumentação de Kautsky criticada por FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo**, p. 111-2.

<sup>74</sup>Ibid, p. 21.

<sup>75</sup>Ibid.

<sup>76</sup>Ibid, p. 43.

<sup>77</sup>Ibid, p. 21.

<sup>78</sup>Ibid, p. 65.

ou necessitando integrar-se ao mercado, total ou parcialmente, para subsistir”<sup>79</sup>, sendo necessário “lançar permanentemente a população em condições críticas, de intensa e exasperada disponibilidade ao mercado”<sup>80</sup>. A expropriação no capitalismo é fundamental (condição e decorrência) para atividade de extração de mais-valor, não uma forma separada de extração de riquezas.

É neste sentido que “o momento da atividade produtiva de valorização do capital”, por se apresentar como “meramente econômico”, “obscurece e vela” a exploração realizada sobre a classe trabalhadora (a base social)<sup>81</sup>. Disse Marx que “uma vez realizada a violenta expropriação camponesa, a coação econômica 'normalizada' sobre os trabalhadores agora “livres” substituíra a violência aberta”. Tal afirmação não quer dizer que Marx acreditava (como Harvey e Arendt o acusam) ser a acumulação primitiva uma etapa episódica e marcada na história, visto que ele reafirma em várias passagens do *Capital* como “a expansão das relações sociais capitalistas pressupõe sempre sucessivas expropriações, para além daqueles trabalhadores já 'liberados' (inclusive mencionando a expropriação de capitalistas menores)”<sup>82</sup>. No livro I do *Capital*, Marx argumenta que

a relação-capital pressupõe a separação entre os trabalhadores e a propriedade das condições da realização do trabalho. Tão logo a produção capitalista se apoie sobre seus próprios pés, não apenas conserva aquela separação, mas a reproduz em escala sempre crescente. Portanto, o processo que cria a relação-capital não pode ser outra coisa que o processo de separação de trabalhador da propriedade das condições de seu trabalho<sup>83</sup> [grifo meu].

A separação dos produtores dos meios de produção não só é mantida como é “reproduzida em escala sempre crescente”. Como disse Brenner, é difícil entender por que Harvey crê que Marx tenha sido reticente em admitir que a acumulação primitiva permanece ativa ao longo do desenvolvimento do capitalismo<sup>84</sup>. A expropriação constante e incessante, que cria massas cada vez maiores de pessoas disponíveis à exploração do capital e destrói as formas de produção da vida que todavia resistem ao

---

<sup>79</sup>Ibid, p. 47.

<sup>80</sup>Ibid.

<sup>81</sup>Ibid, p. 42.

<sup>82</sup>Ibid, p. 63.

<sup>83</sup>MARX, Karl. *O Capital*, Livro I, Tomo 2. Citado por FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo**, p. 262.

<sup>84</sup>BRENNER, Robert. **What is, and what is not, imperialism?** Londres: *Revista Historical Materialism* v.14, n.4, 2006, p. 97.

comando da lógica capitalista, é condição e decorrência da exploração do trabalho pelo capital.

Assim, embora Harvey pontue que as expropriações cumprem um papel de não deixar "o motor da acumulação expandida morrer de repente" ao abrir oportunidades de investimento para capitais sobreacumulados e colocá-los em movimento, o autor não atenta para como o desenvolvimento da reprodução expandida também exige o acirramento das expropriações<sup>85</sup>. Em seus trabalhos posteriores, Harvey volta a propor o entendimento da reprodução expandida e espoliação como duas formas distintas de acumulação. Em *O enigma do capital*, Harvey argumenta que um dos problemas para a resistência daqueles atingidos pela acumulação por espoliação é que "muitas desposseções têm pouco a ver diretamente com a acumulação do capital"<sup>86</sup>, e em *As dezessete contradições do capitalismo* lê-se que "a espoliação direta do valor que o trabalho social produz no campo da produção é apenas uma (embora importante) força de espoliação que alimenta e sustenta a apropriação e acumulação"<sup>87</sup>.

A partir da separação que faz entre as expropriações e a apropriação de mais-valor através da exploração do trabalho assalariado, Harvey acaba por ver as expropriações mais ou menos como episódicas, que se repetem de quando em quando, nos momentos em que a burguesia percebe que "o pecado original do simples roubo" eventualmente tem que ser repetido. Como vimos, Harvey acredita que nos anos dourados do capitalismo do pós-guerra a espoliação permaneceu "relativamente silenciada" devido ao florescimento da reprodução expandida. No entanto, os "anos gloriosos" do *Welfare State* conviveram com ferozes ditaduras na América Latina, no Oriente Médio, na Ásia e mesmo na Europa (Grécia, Portugal e Espanha). Tendo isso em mente, a "dualidade entre um capitalismo normalizado e um capitalismo predatório não parece se sustentar"<sup>88</sup>.

Nesse sentido, estamos de acordo com Callinicos e Ashman quando argumentam que a definição do novo imperialismo ser "predominantemente predatório" é insuficiente para dar conta da complexa relação dialética entre os processos históricos

---

<sup>85</sup>FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo**: teoria e história, p. 64.

<sup>86</sup>HARVEY, David. **O enigma do capital** e as crises do capitalismo [2011]. São Paulo: Editora Boitempo, 2015, p. 199.

<sup>87</sup>"Major", em inglês, pode significar tanto "importante" como "principal". De acordo com a defesa de Harvey apresentada em nosso argumento de que a espoliação é a característica central do novo imperialismo e com a própria frase que antecede a citada ("uma economia baseada na espoliação está no coração do que o capitalismo é fundamentalmente sobre"), optei pelo primeiro termo. HARVEY, David. **Seventeen contradictions and the end of capitalism**. Londres: Profile Books, 2014, p. 54.

<sup>88</sup>FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo**: teoria e história, p. 64.

de expropriação e de apropriação de mais-valor na produção. O capitalismo contemporâneo "continua a derivar seus lucros da exploração do trabalho assalariado"<sup>89</sup>, e "insistir na distinção entre reprodução expandida e acumulação por espoliação"<sup>90</sup> a partir da concepção do capital possuir um duplo caráter, acaba por ofuscar a essência e especificidade histórica do modo de produção e exploração capitalista, qual seja, a exploração do trabalho livre.

Assim, é "certamente correto fazer a distinção entre processos de acumulação puramente econômicos e acumulação pelos meios extra-econômicos da força e da fraude; o problema da formulação de Luxemburgo é a sugestão de que o imperialismo pertenceria apenas ao segundo aspecto"<sup>91</sup>. Para Ellen, o conceito de acumulação por espoliação "parece ser menos sobre a criação ou manutenção de relações sociais de propriedade que geram compulsões de mercado do que sobre a redistribuição de ativos para possibilitar investimentos"<sup>92</sup>. Roubo, fraude e violência continuam, "mas o que possibilita o capital a explorar economias ao redor do globo (...) é a subordinação de cada vez mais esferas da vida humana, em todo lugar, à dependência do mercado"<sup>93</sup>.

Ao não possuir uma definição da especificidade do capitalismo, a análise de Harvey acerca das origens do capitalismo compreende a transformação das relações sociais de propriedade mais como um resultado da absorção de excedentes pilhados nas colônias do que como causa do surgimento do capitalismo. "O capitalismo surgiu dos excedentes pilhados por grupos de comerciantes e mercadores que pilharam o resto do mundo do século XVI em diante", escreve ele, e tais excedentes não foram absorvidos produtivamente até o aparecimento, no século XVIII, das formas agrárias e industriais

---

<sup>89</sup>ASHMAN, Sam e CALLINICOS, Alex. **Capital Accumulation and the State System**: assessing David Harvey's 'The New Imperialism'. Londres: Revista Historical Materialism, v.14, n.4, 2006, p. 108.

<sup>90</sup>Ibid, p. 118.

<sup>91</sup>Meiksins acrescenta como "essa formulação pode não refletir acuradamente o entendimento de Rosa sobre o imperialismo capitalista, visto que ela certamente compreendia os meios pelos quais o capital conseguia, mesmo naqueles tempos, impor sua dominação no plano internacional através de meios puramente econômicos". WOOD, Ellen Meiksins. **Logics of power**: a conversation with David Harvey, p. 22. Rosa, junto com os outros teóricos do imperialismo, escrevia em uma época onde na maior parte do globo a produção era movida por relações não-capitalistas. A violência imperialista é entendida em *A acumulação do capital* essencialmente como uma forma de destruir formas de produção não-capitalistas. Não é à toa que Rosa complementa sua definição acerca do duplo aspecto do capital lembrando que "a violência política é apenas o veículo do processo econômico". Sintomaticamente, Harvey apresenta como complemento de Rosa apenas a passagem "ambos os aspectos da reprodução do capital encontram-se interligados organicamente", optando por deixar de lado o termo "veículo".

<sup>92</sup>Ibid, p. 23.

<sup>93</sup>Ibid, p. 21.

de capitalismo na Inglaterra<sup>94</sup>. Aqui, "o capitalismo é apenas um desenvolvimento quantitativo de práticas seculares de comércio" ou "apenas o produto da riqueza acumulada e não o resultado de uma transformação social peculiar"<sup>95</sup>. A riqueza acumulada não apenas é apontada como necessária para o surgimento do capitalismo, mas é qualificada como essencial. Para Ellen, isto faz com que não haja "nenhuma concepção da especificidade do capitalismo" na análise de Harvey<sup>96</sup>. Sem dúvida, "ninguém pode negar que a origem do capitalismo pressupõe a preexistência de uma rede comercial (não capitalista)", mas a questão essencial, ao menos nas teses marxianas, não é a acumulação de riqueza que permita o reinvestimento interminável, mas sim a forma das relações sociais de propriedade em que ocorre a apropriação do mais-valor<sup>97</sup>. Para Ellen, "a acumulação do capital (...) é mais um *resultado* do que uma causa dos imperativos capitalistas"<sup>98</sup>.

Ao dar mais ênfase à concentração de riquezas do que à transformação das relações sociais de propriedade, Ellen conclui que a concepção de acumulação primitiva de Harvey se aproxima muito mais da de Adam Smith do que da de Marx. De acordo com ela, "Marx insiste que nenhum volume de acumulação (...) vai por si só dar origem ao capitalismo". Na visão marxiana, "capital não é apenas qualquer tipo de riqueza, mas uma relação social específica". Meiksins prossegue argumentando que, sem dúvida, "alguma concentração de riqueza é necessária", mas para Marx "a pré-condição essencial do capitalismo é uma transformação das relações sociais de propriedade", a qual põe em movimento "imperativos particulares de concorrência, maximização de lucros, compulsão para reinvestir excedentes, bem como a necessidade de aumentar a produtividade do trabalho com o desenvolvimento das forças produtivas". A análise de Marx contrasta, pois, com a leitura dos economistas políticos clássicos, como Adam Smith, que "sugerem que o capitalismo (...) surge quando uma massa crítica de riquezas

---

<sup>94</sup>HARVEY, David. **In what ways is the new imperialism really new?** Londres: Revista Historical Materialism, v.15, n.3, 2007, p. 61-2.

<sup>95</sup>WOOD, Ellen Meiksins. **A reply to critics**, p. 145.

<sup>96</sup>Ibid. Sua definição de imperialismo é "sem dúvida muito imprecisa", diz Noel Castree, "abrangendo qualquer ação estatal fora de suas fronteiras bem como a reprodução expandida do capital". CASTREE, Noel. **David Harvey's symptomatic silence**. Londres: Revista Historical Materialism, v.14, n.4, 2006, p. 44.

<sup>97</sup>WOOD, Ellen Meiksins. **A reply to critics**, p. 146.

<sup>98</sup>WOOD, Ellen Meiksins. **Logics of power: a conversation with David Harvey**, p. 20. O argumento das expropriações serem decorrência das relações sociais capitalistas é desenvolvido em WOOD, Ellen Meiksins. **As origens do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 102-3. De acordo com Virgínia, as expropriações são simultaneamente condição e decorrência das relações sociais capitalistas. FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo: teoria e história**, p. 75-7.

é acumulada, possibilitando o investimento". É justamente para se diferenciar dessa ideia que Marx fala da "assim chamada" acumulação primitiva. Afinal de contas, se o capitalismo fosse resultado de um determinado acúmulo de riquezas e não da transformação das relações sociais de propriedade, não teria sido a Inglaterra o berço do capital, e sim a Espanha<sup>99</sup>.

### 3.1 GLOBALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO

A “globalização da produção” – a mudança de grande parte das plantas produtivas dos países centrais para os países periféricos de baixos-salários – é um fenômeno significativo para refletirmos sobre o "duplo aspecto do capital". De acordo com o trabalho de Smith, a produção externa e a repatriação de lucros é atualmente o principal canal da apropriação, pelos países imperialistas, do valor produzido pela classe trabalhadora da periferia do mundo. O motor central deste processo é o esforço das empresas estadunidenses, europeias e japonesas em reduzir custos e aumentar lucros ao substituir a mão de obra bem paga dos seus países por mão de obra mais barata do estrangeiro, processo denominado “arbitragem global do trabalho”<sup>100</sup>.

Em 1980, o montante de Investimentos Externos Diretos (IED's) na economia internacional equivalia a 7% do PIB Mundial. Em 2009, essa cifra chegou a 30% (mais de 300% de aumento)<sup>101</sup>. Isto desconsiderando os “arm’s length contracts”<sup>102</sup>, que não entram nas estatísticas como IED's, “mas são uma parte importante do funcionamento da economia global”. As firmas exercem controle estratégico sobre suas linhas de abastecimento, ou seja, sobre as empresas que subcontrataram<sup>103</sup>. O mais significativo é que esses IED's (tendo obviamente sua origem majoritária nos países imperialistas) foram se direcionando cada vez mais para os países periféricos. 2010 foi o primeiro ano

---

<sup>99</sup>WOOD, Ellen Meiksins. **Logics of power**: a conversation with David Harvey, p. 19-20.

<sup>100</sup>“Arbitragem”, em economia, é a compra de moeda, mercadoria ou outro valor no mercado '1' combinada com a venda simultânea, a um preço maior, no mercado 2, de modo que quem realiza a operação se aproveita da diferença de preços de um mesmo ativo em mercados diferentes para lucrar). SMITH, John. **Imperialism in the twenty-first century** (2016), p. 187-223.

<sup>101</sup>FOSTER, John Bellamy Foster e McCHESNAIS, Robert. *The Endless Crisis*. New York: Monthly Review Press, 2012, p. 105. Citado por SUWANDI, Intan. **Behind the veil of globalization**. Nova York: Revista Monthly Review, v.67, n.3, 2015, p. 38-39.

<sup>102</sup>Onde uma empresa com sede em um país imperialista contrata uma empresa de um país periférico para realizar parte do seu processo produtivo, entregando a ela as matérias-primas necessárias e fixando um prazo para a entrega bem como um preço de compra menor do que o valor real das mercadorias. Caso a empresa do país periférico não aceite os baixos pagamentos, há outras empresas para tomarem seu lugar: aqui, a competição entre empresas regionais cumpre seu papel em favor do monopólio global imperialista. SMITH, John. **Imperialism in the twenty-first century** (2016), p. 68-9, 79-80.

<sup>103</sup>SUWANDI, Intan. *Ibid*, p. 38.



em que a periferia do globo recebeu um montante de IED's maior que os países do centro<sup>104</sup>. Em 2013, 61% do total mundial de investimentos externos diretos foram destinados à periferia (“developing and transition economies”), enquanto que essa cifra foi de 33% em 2006 e 51% em 2010<sup>105</sup>.

A participação dos países periféricos (“em desenvolvimento”) no total das exportações mundiais cresceu de 10% em 1955 a 60% em 2012, e no total das exportações mundiais de produtos manufaturados, foi de 5% em 1955 a mais de 40% em 2012<sup>106</sup>. Os EUA, que em 1980 importavam dos países 'em desenvolvimento' 20% do total dos produtos manufaturados que consumia, em 2012 importava quase 60%<sup>107</sup>. Esse processo de industrialização de regiões periféricas – resultado da expansão das plantas produtivas das empresas imperialistas para os países do sudeste asiático – fica nítido quando analisamos que em 1950, 60 milhões de trabalhadores industriais moravam nos países periféricos, metade dos 120 milhões nos centrais. Nas próximas décadas, tal diferença diminui progressivamente, igualando a quantidade de trabalhadores industriais nos países periféricos e centrais em 1977 (200 milhões) e a partir daí, a diferença se acentua no sentido inverso: em 2010, 550 milhões na periferia, contrastando com os apenas 150 milhões no centro<sup>108</sup>.

O processo de globalização da produção, longe de significar o aumento do poder econômico dos países em desenvolvimento, aponta para o aumento do controle das corporações transnacionais sobre a produção destes países. De acordo com a UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento) “cerca de 80% do comércio global (...) está ligado às redes de produção internacional das corporações transnacionais”<sup>109</sup>. A globalização da produção é o auge do processo embrionário que Marx visualizou no século XIX, ao dizer que “com o objetivo de se opor aos seus trabalhadores, os empregadores ou trazem trabalhadores de fora ou transferem a manufatura para países onde a força de trabalho é mais barata”<sup>110</sup>.

---

<sup>104</sup>HART-LANDSBERG, Martin. *Capitalist Globalization*. Nova York: Monthly Review Press, 2013, p. 18. Citado por SUWANDI, Intan. *Ibid*, p. 38-39.

<sup>105</sup>FOSTER, John Bellamy. **The New Imperialism of Globalized Monopoly-Finance Capital: an introduction**. Nova York: Revista Monthly Review, v.67, n.3, 2015, p. 11.

<sup>106</sup>SMITH, John. **Imperialism in the twenty-first century** (2016), p. 53.

<sup>107</sup>*Ibid*.

<sup>108</sup>*Ibid*, p. 103.

<sup>109</sup>SMITH, John. **Imperialism in the twenty-first century** (2015), p. 83.

<sup>110</sup>MARX, Karl. Address of the General Council to the Lausanne Congress of the Second International [1987]. Citado por SMITH, John. **Imperialism in the twenty-first century** (2016), p. 198-9. Lucia Pradella desenvolve esse apontamento de Smith ao estudar os manuscritos de Marx sobre a China e a

A globalização da produção é essencialmente a expansão global do capital produtivo imperialista. Harvey, de modo oposto, ressalta os aspectos negativos deste processo para o imperialismo estadunidense, percebendo-o como perda de poder do capital produtivo para o capital financeiro<sup>111</sup>. Contrário a tal análise, Smith nota que "o crescimento da importação de bens manufaturados baratos (...) deu suporte direto à lucratividade e à competitividade dos gigantes industriais estadunidenses, e foi ativamente promovido por estes". A terceirização da produção dos países centrais para os periféricos "abriu novos caminhos para os capitalistas estadunidenses, europeus e japoneses estabelecerem sua dominância sobre a produção manufatureira global"<sup>112</sup>. A partir disto Smith conclui que

o que é especial na arbitragem global do trabalho é o fato dela ocorrer inteiramente dentro da órbita da relação capital-trabalho. Arbitragem global do trabalho é imperialismo capitalista por excelência. Aqui, o capitalismo desenvolveu maneiras de extrair mais-valor das tão chamadas nações em desenvolvimento que são efetivadas não por coerção política ou militar, mas por forças do mercado – o que Ellen Wood chamou de globalização dos imperativos capitalistas<sup>113</sup>.

Assim, a análise de Smith vai ao encontro da tese de Ellen, onde "o imperialismo é considerado essencialmente uma forma de apropriação do mais-valor, que fluiria das "nações mais fracas" para as "mais fortes"<sup>114</sup>. A essência do imperialismo, afinal de contas, é a extração de valores<sup>115</sup>.

#### 4. QUE FAZER?

Sam Ashman, em sua introdução ao dossiê da Historical Materialism, espera que a discussão realizada pela revista continue e "vá além", acompanhando o avançar da "luta global da esquerda tanto para compreender como para resistir"<sup>116</sup>. Assim, se Ellen está certa ao afirmar que, para traçarmos as estratégias de oposição e resistência ao império do capital, "o que necessitamos primeiro é uma clarificação fundamental sobre a

---

Índia e demonstrar que, ao contrário do que pensam a maioria dos marxistas (Pradella cita inclusive Harvey e Wood como exemplos), ele construiu uma análise do capitalismo como sistema global, e não do capitalismo como "sistema fechado". PRADELLA, Lucia. **Imperialism and capitalist development in Marx's Capital**. Londres: Revista Historical Materialism, v.21, n.2, 2013.

<sup>111</sup>HARVEY, David. **O novo imperialismo**, p. 179-80.

<sup>112</sup>SMITH, John. **Imperialism in the twenty-first century** (2016), p. 202.

<sup>113</sup>Ibid, p. 198-9.

<sup>114</sup>CORRÊA, Hugo. **Guerra e paz no capitalismo contemporâneo** (revisitando o debate sobre a necessidade do imperialismo). Belo Horizonte: anais do XVIII Encontro Nacional de Economia Política (ENEP), 2013.

<sup>115</sup>LEITE, Leonardo. **A busca pela essência do imperialismo**.

<sup>116</sup>ASHMAN, Sam. **Symposium on David Harvey's The New Imperialism**: Editorial Introduction. Londres: Revista Historical Materialism, v.14, n.4, 2006, p. 7.

natureza do capitalismo”<sup>117</sup>, é também verdade que tal compreensão do funcionamento do imperialismo capitalista deve concretizar-se em uma – e ser formulada na – prática da luta anti-imperialista.

Das duas teses centrais do trabalho de Harvey – a distinção entre acumulação expandida e acumulação por espoliação, e a sobreacumulação como motor do imperialismo – decorrem duas questões acerca da construção da resistência anti-imperialista. A partir da tese do duplo caráter do capital, Harvey argumenta que a luta contra a espoliação criou novas formas de resistência bastante distintas “das formas das lutas de classe imbricadas na reprodução ampliada”<sup>118</sup>. Até 1970, “dominaram as lutas de classe no interior dos estados-nação pela reprodução ampliada”, mas desde então, os combates relativos à acumulação por espoliação vêm se tornando cada vez mais centrais<sup>119</sup>. Para ele, a questão central seria ligar os domínios duais da luta anti-capitalista e anti-imperialista, reconhecendo na acumulação por espoliação “a contradição primária a ser enfrentada”<sup>120</sup>. A dualização da tese de Harvey entre os aspectos espoliativo e normalizado do capitalismo “o conduz a enfatizar a separação entre as lutas de classes (que perderiam relevância na atualidade) e as múltiplas e dispersas identificações, que decorreriam 'das formas difusas, fragmentárias e contingentes que a acumulação por espoliação assume”<sup>121</sup>.

A outra conclusão de Harvey decorre da sua tese do motor do imperialismo ser a necessidade de exportação do capital excedente nos países centrais: assim, se tal excedente fosse investido em infraestrutura interna, poder-se-ia reduzir a atuação imperialista na periferia. Neste sentido, Harvey propõe que “a construção de um novo 'New Deal' liderado pelos Estados Unidos e pela Europa, é por certo (...) uma meta suficientemente ampla pela qual lutar na atual conjuntura”<sup>122</sup>. De acordo com Smith, Harvey conclui seu trabalho de uma forma “medonhamente reformista”, ao defender que “um retorno a um ‘new deal’ imperialista mais benevolente, preferencialmente alcançado por meio do tipo de coalizão de poderes capitalistas que Kautsky muito tempo atrás previu” (embora Harvey não mencione, como lembra Bob Sutcliffe, que

---

<sup>117</sup>WOOD, Ellen Meiksins. **A reply to critics**, p. 170.

<sup>118</sup>HARVEY, David. **O novo imperialismo: acumulação por espoliação**. Biblioteca da CLACSO, p. 116, 120.

<sup>119</sup>Ibid, p. 112-3.

<sup>120</sup>HARVEY, David. **O novo imperialismo**, p. 144.

<sup>121</sup>FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo**, p. 65.

<sup>122</sup>HARVEY, David. **O novo imperialismo**, p. 169.

Kautsky argumentou como este “ultra-imperialismo” seria ainda pior que o imperialismo de 1914<sup>123</sup>) é algo “sem dúvida suficiente para lutar por na presente conjuntura”. Harvey parece ter esquecido o que escreveu duas décadas antes, no “Limites do Capital”, onde defende que “o mundo foi salvo dos terrores da Grande Depressão não por algum glorioso new deal ou pelo toque mágico da economia keynesiana nos tesouros do mundo, mas pela destruição e morte da guerra global”<sup>124</sup>. Foster não entende “as razões do porquê um novo ‘imperialismo coletivo’, liderado pelos Estados Unidos sob a bandeira de um novo New Deal, significaria uma ‘trajetória imperial benevolente’”, sendo “certamente questionável, a partir de uma perspectiva socialista, se qualquer política imperialista é algo ‘para lutar por’”<sup>125</sup>. “Chocado” é como Bob Sutcliffe se sentiu ao ler a “chamada ao anti-imperialismo de hoje a uma reversão a algo que soa como imperialismo clássico como a melhor opção”<sup>126</sup>.

Já o trabalho de Ellen, ao atentar para a centralidade do "descolamento do econômico" para o capital, enfatiza que a luta anti-imperialista da classe trabalhadora deve enfrentar a essência do poder capitalista, atacando a propriedade privada com a defesa da democratização do controle da produção. “Em contraste ao reformismo”, Blackledge diz que o trabalho de Ellen "insiste que os socialistas devem lutar por reformas dentro do capitalismo e buscar ligá-las à luta mais abrangente, mesmo que mais difícil, contra o capitalismo”. Como Ellen escreveu em 1981, a "divisão de trabalho entre classe e Estado"<sup>127</sup> (a separação entre o "econômico" e o "político") é o mecanismo mais eficiente de defesa do capital<sup>128</sup>, pois torna as batalhas da classe trabalhadora no âmbito político do Estado incompletas caso não impliquem o poder de governar os poderes econômicos apartados historicamente da esfera política<sup>129</sup> – ou seja, caso não ataquem a propriedade privada capitalista.

Atacar a propriedade privada, a sede do poder capitalista que garante à classe dominante o controle da produção e da apropriação, é a única forma de enfrentamento ao império do capital. A possibilidade material das lutas anti-imperialistas pelo controle

---

<sup>123</sup>SUTCLIFFE, Bob. **Imperialism old and new**. Londres: Revista Historical Materialism, v.14, n.4, 2006, p. 74.

<sup>124</sup>SMITH, John. **Imperialism in the Twenty-First Century** (2016), p. 202.

<sup>125</sup>FOSTER, John Bellamy. **The New Imperialism of Globalized Monopoly-Finance Capital: an introduction**, p. 11.

<sup>126</sup>SUTCLIFFE, Bob. *Ibid.*, p. 76.

<sup>127</sup>WOOD, Ellen Meiksins. **Democracia contra capitalismo**, p. 49.

<sup>128</sup>*Ibid.*

<sup>129</sup>*Ibid.*

democrático da produção intensificou-se, segundo ela, a partir da doutrina Bush, que “atestou os riscos e as instabilidades de um império global que depende de muitos Estados locais, de uma economia global gerida por administrações locais e por Estados nacionais que são vulneráveis a desafios de lutas verdadeiramente democráticas”. Essa “disparidade entre o poder econômico global e seus apoios políticos locais” abriria um “crescente espaço para oposição”.

No entanto, as tentativas dos países "em desenvolvimento" de construir economias independentes por dentro do mercado global, aceitando seus imperativos econômicos da competição e produtividade, sem questionar os princípios capitalistas de produção e troca, estão fadadas ao fracasso: Ellen dá o exemplo dos governos Lula e Dilma, que discursavam sobre a independência do Brasil em relação à economia global, "mas que se tornaram ainda mais dependentes e submissos ao capital internacional"<sup>130</sup>. "Quaisquer que sejam as realizações progressistas alcançadas, elas foram severamente limitadas – e agora, talvez, até revertidas – pela submissão da economia brasileira às pressões do capital internacional, o que explica bem as condições que acabaram por levar à agitação atual", escreveu ela um mês após junho de 2013.

Desde que Ellen escreveu estas linhas, os ataques à classe trabalhadora brasileira se intensificaram massivamente com o sucateamento da saúde e educação, o desmonte da previdência e das leis trabalhistas, as privatizações. A contribuição que seu trabalho pode nos oferecer para construir a resistência a estes ataques é a compreensão que estas expropriações são inerentes, decorrência e condição, das relações sociais de propriedade capitalistas, portanto, a construção dialética entre a luta contra as reformas e a luta revolucionária que rompa com os imperativos econômicos do imperialismo é o princípio indispensável da estratégia da luta anti-imperialista. Como a tese do desenvolvimento desigual e combinado de Trotsky e as teorias da dependência já demonstraram, não há independência para os países periféricos no sistema internacional capitalista. A luta anti-imperialista será revolucionária ou não será!

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, Hannah. **Imperialism**. New York: Harcourt Brace Janovich, 1968.  
ASHMAN, Sam. **Symposium on David Harvey's The New Imperialism**: Editorial Introduction. Londres: Revista Historical Materialism, v.14, n.4, 2006.

---

<sup>130</sup>WOOD, Ellen Meiksins. Prefácio à edição brasileira [2013] em **O império do capital**, p. 10.

ASHMAN, Sam e CALLINICOS, Alex. **Capital Accumulation and the State System: assessing David Harvey's 'The New Imperialism'**. Londres: Revista Historical Materialism, v.14, n.4, 2006.

BLACKLEDGE, Paul. **Symposium on Ellen Meiksins Wood's Empire of Capital: Editorial Introduction**. Londres: Revista Historical Materialism, v.15, n.3, 2007.

BRENNER, Robert. **What is, and what is not, imperialism?** Londres: Revista Historical Materialism v.14, n.4, 2006.

CORRÊA, Hugo. **Guerra e paz no capitalismo contemporâneo** (revisitando o debate sobre a necessidade do imperialismo). Belo Horizonte: anais do XVIII Encontro Nacional de Economia Política (ENEP), 2013.

CASTREE, Noel. **David Harvey's symptomatic silence**. Londres: Revista Historical Materialism, v.14, n.4, 2006

FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo: teoria e história**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

FOSTER, John Bellamy e McCHESNAIS, Robert. **The Endless Crisis: how Monopoly-Finance Capital produces stagnation and upheaval from the USA to China**. New York: Monthly Review Press, 2012.

FOSTER, John Bellamy. **The New Imperialism of Globalized Monopoly-Finance Capital: an introduction**. New York: Revista Monthly Review, v.67, n.3, 2015.

HARVEY, David. **O novo imperialismo** [2003]. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações** [2005]. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

HARVEY, David. **O novo imperialismo: ajustes espaço-temporais e acumulação por desapossamento**. São Paulo: Revista Lutas Sociais, n.13/14, 2005.

HARVEY, David. **O novo imperialismo: acumulação por desapossamento (Parte II)**. São Paulo: Revista Lutas Sociais, n.15/16, 2006.

HARVEY, David. **O novo imperialismo: acumulação por espoliação**. Biblioteca da CLACSO. Disponível em:  
[http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/social/2004pt/05\\_harvey.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/social/2004pt/05_harvey.pdf).

HARVEY, David. **Comment on commentaries**. Londres: Revista Historical Materialism v.14, n.4, 2006.

HARVEY, David. **In what ways is the new imperialism really new?** Londres: Revista Historical Materialism, v.15, n.3, 2007.

HARVEY, David. **O enigma do capital e as crises do capitalismo** [2011]. São Paulo: Editora Boitempo, 2015.

HARVEY, David. **Seventeen contradictions and the end of capitalism**. Londres: Profile Books, 2014.

HOBSBAWM, Eric. **Prefácio**. Em KIERNAN, Victor. Estados Unidos, o novo imperialismo: da colonização branca à hegemonia mundial. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

KIERNAN, Victor. **Estados Unidos, o novo imperialismo: da colonização branca à hegemonia mundial**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

LEITE, Leonardo. **A busca pela essência do imperialismo: uma breve nota a partir de O império do capital de Ellen M. Wood**. Rio de Janeiro: Marx e o Marxismo, v. 4, n. 6.

LENIN, Vladimir. **O Imperialismo, fase superior do capitalismo** [1916]. São Paulo: Centauro Editora, 2010.

LUXEMBURGO, Rosa. **A acumulação do capital**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1984.

MAGDOFF, Harry. **A era do imperialismo**. São Paulo: Editora Huicitec, 1978.

MAGDOFF, Harry. **Primitive Accumulation and Imperialism**. Nova York: Revista Monthly Review, v.67, n.5, 2013.

MARX, Karl. **O Capital**, Livro I [1867]. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.

PRADELLA, Lucia. **Imperialism and capitalist development in Marx's Capital**. Londres: Revista Historical Materialism, v.21, n.2, 2013.

SMITH, John. **Imperialism in the twenty-first century**. New York: Revista Monthly Review, v.67, n.3, 2015.

SMITH, John. **Imperialism in the Twenty-First Century**: globalization, super-exploitation and capitalism's final crisis. New York: Monthly Review Press, 2016.

SUTCLIFFE, Bob. **Imperialism old and new**. Londres: Revista Historical Materialism, v.14, n.4, 2006.

SUWANDI, Intan. **Behind the veil of globalization**. Nova York: Revista Monthly Review, v.67, n.3, 2015.

SWEEZY, Paul e BARAN, Paul. **Capitalismo Monopolista**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.

WOOD, Ellen Meiksins. **Democracia contra capitalismo**: a renovação do materialismo histórico [1995]. São Paulo: Editora Boitempo, 2017.

WOOD, Ellen Meiksins. **A origem do capitalismo** [1999]. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

WOOD, Ellen Meiksins. **Kosovo and the new imperialism** [1999].

WOOD, Ellen. **O império do capital** [2003]. São Paulo: Editora Boitempo, 2014.

WOOD, Ellen Meiksins. **Imperialismo dos EUA**: hegemonia econômica e poder militar. São Paulo: Revista Crítica Marxista, v.1, n.19, 2004.

WOOD, Ellen Meiksins. **Logics of power**: a conversation with David Harvey. Londres: Revista Historical Materialism, v.14, n.4, 2006.

WOOD, Ellen Meiksins. **A reply to critics**. Londres: Revista Historical Materialism, v.15, n.3, 2007.